

Edição v. 39
número 2 / 2020

Contracampo e-ISSN 2238-2577
Niterói (RJ), 39 (2)
ago/2020-nov/2020

A Revista Contracampo é uma revista eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense e tem como objetivo contribuir para a reflexão crítica em torno do campo midiático, atuando como espaço de circulação da pesquisa e do pensamento acadêmico.

Letramentos e mídias: sintonizando com corpo, tecnologia e afetos

Literacies and media: tuning in with body, technology and affects

FÁTIMA REGIS

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) – Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.
E-mail: fatimaregisoliveira@gmail.com. ORCID: 0000-0001-5126-2295.

AO CITAR ESTE ARTIGO, UTILIZE A SEGUINTE REFERÊNCIA:

REGIS, Fátima. Letramentos e mídias: sintonizando com corpo, tecnologia e afetos. *Contracampo*, Niterói, v. 39, n. 2, p. 147-163, ago./nov. 2020.

Submissão em: 31/01/2020. Revisor A: 12/04/2020; Revisor B: 15/04/2020. Aceite em: 17/04/2020

DOI – <http://doi.org/10.22409/contracampo.v39i2.40578>

Resumo

Estudos recentes (MURROCK et al., 2018; SANGALANG et al., 2019) demonstram que há primazia de afeto na interação com conteúdos de desinformação e discursos de ódio na mídia. Apesar disso, as pesquisas sobre letramento midiático privilegiam fatores conscientes, ignorando fatores materiais e afetivos. Este texto tem o objetivo de discutir como corpo, tecnologia e afetos atuam na interação com as mídias. Para isso está organizado em duas partes. A primeira problematiza abordagens sobre letramentos e mídias. A segunda traz pesquisas sobre mente corporificada e teoria do afeto para embasar como corpos, tecnologias e afetos participam da mediação distribuída (GRUSIN, 2010).

Palavras-chave

Letramentos; *New media literacies*; Mente corporificada; Tecnologias cognitivas; Teoria do afeto.

Abstract

Recent studies (MURROCK et al., 2018; SANGALANG et al., 2019) demonstrate that there is primacy of affection in engaging with content of disinformation and hate speech. Despite this, research on media literacy favors conscious factors in the interpretation of the world, ignoring material and affective factors. This text aims to discuss how the body, technology and affects act in the interaction with the media. For this, it is organized in two parts. The first problematizes approaches on literacies and media. The second brings research on embodied mind and theory of affection to support how bodies, technologies, and affections participate in distributed mediation (GRUSIN, 2010).

Keywords

Literacies; *New media literacies*; Embodied mind; Cognitive technologies; Affect theory.

Introdução

Desde seu *boom* em meados da década de 1990, as tecnologias digitais têm intensificado a presença das mídias e redes digitais na sociedade. A capilarização das mídias pelas esferas técnicas, culturais, estéticas, políticas e econômicas tem pontos positivos e negativos. Por exemplo, no campo da construção do conhecimento e da participação cidadã, se por um lado, as mídias e redes digitais favoreceram o acesso à informação, criação de conteúdo pelo cidadão comum e participação política, proporcionando uma certa democratização dos meios de comunicação; por outro, a mesma facilidade de produção de conteúdo tem gerado o cenário oposto. Mais recentemente, e mais especificamente as mídias sociais digitais, têm sido o *locus* de propagação de desinformação, discursos de ódio, medo e intolerância, disseminando valores extremistas dos fundamentalismos religiosos, dos conservadorismos políticos e das ideologias nacionalistas excludentes.

A proliferação das *fake news* e campanhas de desinformação tem incitado o surgimento de novos termos – *news literacy; news appreciation; news media literacies* (FLEMING, 2014) – e novas abordagens teórico-metodológicas sobre letramento midiático para investigar como as pessoas lidam com as notícias oriundas das diversas mídias (MURROCK et al., 2018; SANGALANG et al., 2019; WALTER e MURPHY, 2018). Os estudos supracitados têm demonstrado que há primazia de fatores como afeto/emoção, crenças e ideias preconcebidas (não referendadas por evidências claras e fontes fidedignas) no modo como as pessoas assimilam e se engajam com essas mídias e notícias em seu cotidiano. Os estudos constatam também que a produção de conteúdos (textuais, visuais e audiovisuais) desinformativos utiliza deliberadamente táticas de manipulação emocional para obter os efeitos de propaganda ideológica desejados nas opiniões e comportamentos do público-alvo. Por fim, os mesmos estudos buscam desenvolver estratégias de combate à desinformação também com base em retórica e narrativas que apelam ao emocional. O ponto de interesse do presente texto nos estudos supracitados é que, apesar de admitirem que os fatores afetivo/emocionais precedem os fatores de letramentos conscientes e racionais, esses estudos promovem ações de letramento midiático e combate à desinformação sem se engajar em uma discussão mais ampla e atualizada sobre os conceitos de afeto/emoção e os modos como se acoplam às interações midiáticas. Os estudos constroem suas estratégias de combate à desinformação com base em retórica, *storytelling* e planejamento de mídia (análise das características da mensagem e do design da informação; estruturas narrativas, conhecimento sobre as empresas de mídia; conhecimento do público-alvo e outros), ignorando achados recentes de pesquisas que discutem o modo de imbricação dos afetos nos sistemas midiáticos contemporâneos (MASSUMI, 1995; AHMED, 2004; GRUSIN, 2010).

O objetivo do presente texto é discutir como corpo, tecnologia e afetos atuam na interação com as mídias. Para isso, a argumentação se constrói em duas partes. Na primeira proponho realizar um breve mapeamento do conceito de letramento (*literacy*) e dos diversos conceitos e abordagens dele derivados a partir de sua ampliação para incluir os letramentos nas diversas mídias: *media literacy, new literacy studies, new media literacy, multiliteracies*. O objetivo desta primeira parte é problematizar os conceitos sobre letramentos nas interações com ambientes midiáticos, em suas diversas abordagens, demonstrando que eles dão primazia a fatores contedísticos e de interpretação sociolinguísticas (fatores conscientes), deixando de lado fatores corporais, afetivos e materiais que tem emergido como elementos fundamentais para se aprofundar essa questão. Como observam Ferrés e Piscitelli (2012), os estudos sobre letramentos midiáticos têm avançado na discussão sobre mudanças no panorama midiático, mas são insuficientes para entender a complexidade do indivíduo que emerge dos acoplamentos com o ambiente midiático.

Na segunda parte do texto recorro a estudos de teóricos das mídias, da cultura e do afeto que têm buscado nos achados de pesquisas experimentais das neurociências e psicologia cognitiva chaves de leitura para os modos como corpo, tecnologia e afetos (fatores não-conscientes) interferem nos processos mentais conscientes. Pesquisadores como Brian Massumi, Sara Ahmed, Richard Grusin ajudam

a compreender como corpos e afetos, individuais e coletivos, se acoplam aos ambientes midiáticos, atuando na proliferação de discursos de medo, ódio e intolerância e campanhas de desinformação, não podendo ser ignorados por estudos sobre letramentos e mídias.

Do Letramento às *New Media Literacies*

O surgimento da discussão sobre Letramento

Segundo Luciana Piccoli (2010, p. 259), “a palavra letramento, no Brasil, teve sua origem documentada no campo das ciências linguísticas e da educação a partir da segunda metade dos anos de 1980”. Essa cronologia demonstra que o surgimento do debate sobre letramento no Brasil é contemporâneo às discussões internacionais que convergiram em torno da ampliação do conceito do que é saber ler e escrever (alfabetização), originando o campo dos *New Literacy Studies* (NLS - Novos Estudos em Letramento, em língua portuguesa). Um dos precursores da ampliação do conceito de letramento foi o pesquisador britânico Brian Street que a partir de pesquisa de campo sobre os usos e os significados do letramento na vida cotidiana das pessoas, começou a questionar o conceito de letramento¹ (*literacy*, em língua inglesa). Street propôs que letramento – que até então era visto como uma atividade neutra, uma mera habilidade técnica – passasse “a ser considerado uma prática ideológica implicada em relações de poder e embasada em significados e práticas culturais específicas” (apud PICCOLI, 2010, p. 259).

O pesquisador americano James Paul Gee (2005) explica que as NLS entendem letramento como algo que as pessoas fazem não apenas no interior de suas cabeças, mas no seio da sociedade. O argumento da NLS é que letramento não é primeiramente um fenômeno mental, mas antes, um fenômeno sociocultural. Assim, letramento tem caráter eminentemente social, ou seja, é construído no campo social, por meio de práticas sociais. Na perspectiva das NLS, letramento se torna plural, letramentos, uma vez que as práticas sociais que propiciam o letramento são múltiplas, podem ser informais, fora do espaço escolar. Desse modo, explica Gee:

Existem muitas práticas sociais e culturais diferentes que incorporam letramentos, assim como muitos “letramentos” diferentes (letramento legal, letramento de jogadores, letramento de música *country*, letramento de vários tipos). As pessoas não apenas leem e escrevem em geral, elas leem e escrevem tipos específicos de “textos” de maneiras específicas e essas formas são determinadas pelos valores e práticas de diferentes grupos sociais e culturais (GEE, 2010, p. 4, todas as traduções neste artigo são da autora).²

Outra conquista importante das NLS é que, ao incluir diversas práticas sociais, e eventos, incluíram também as práticas de linguagem oral no conceito de letramento. As NLS problematizaram o divórcio entre sociedades orais e sociedades escritas, instituindo um debate profícuo sobre um continuum entre sociedades orais e escritas, com o grande mérito de desvelar o tom imperialista dos argumentos que sustentavam a superioridade das culturas baseadas na escrita (OLSON, 1997).

No Brasil, o alargamento da concepção de letramento veio junto com uma certa confusão conceitual, uma vez que *literacy* foi traduzido por termos distintos, com significados também distintos: alfabetização, alfabetismo, letramento, lecto-leitura, cultura letrada. Luciana Piccoli apresenta as tensões

1 Optei por traduzir os termos *literacy*, da língua inglesa, e *alfabetización*, da língua espanhola, por letramento.

2 No original: “There are many different social and cultural practices which incorporate literacy, so, too, many different “literacies” (legal literacy, gamer literacy, country music literacy, academic literacy of many different types). People don’t just read and write in general, they read and write specific sorts of “texts” in specific ways and these ways are determined by the values and practices of different social and cultural groups”.

e negociações brasileiras em torno do termo, explicando que as mesmas remetem às perspectivas teóricas e metodológicas que o fundamentam e que, essas perspectivas estão impregnadas do contexto histórico e cultural em que surgiram. A autora que segue a linha teórica da NLS define “alfabetização como o processo de aquisição da leitura e da escrita” e o termo letramento como “o que se refere às práticas sociais, culturais e históricas que advêm das múltiplas possibilidades de utilização de tais habilidades, mesmo que distantes da forma convencional” (2010, p. 266).

Já quanto ao precursor do conceito ampliado de letramento no Brasil, não há disputa: o grande educador Paulo Freire é reconhecido internacionalmente como pioneiro da ideia de letramento no Brasil e no mundo. Em obras como *O ato de ler*, Freire defende que o ato de ler não se restringe a leitura e decodificação pura da linguagem escrita, mas à compreensão do mundo.

A concepção de que o que se entende por letramento é um processo, imerso na vida social e que acompanha e ajuda nas transformações desta, ganhou adeptos no Brasil e no mundo. A pesquisadora Angela Kleiman explica que o processo de letramento não se reduz à mera assimilação de textos e obras eruditas, mas reflete o domínio sobre todo tipo de leis, protocolos, práticas socioculturais que nos permitem atuar como cidadãos, exercendo o direito de pensar e atuar sobre o cotidiano, a política e o mundo em que vivemos (KLEIMAN, 2005, p. 18). A concepção de que os processos de letramento não são exclusivos do ambiente escolar pavimentou o terreno para a inclusão de outras formas midiáticas nas discussões sobre letramento.

A partir de 1970, devido a percepção de que as mídias (impressas, orais e audiovisuais) estavam cada vez mais capilarizadas por todos os setores da sociedade, sendo, portanto, fortes mediadoras entre o indivíduo e a sociedade, fez emergir discussões sobre os modos de assimilação dos conteúdos midiáticos. Ignacio Aguaded (2011) explica que nessa época surgem termos como Educomunicação e Mídia Educação. Esclarece também que a Unesco é pioneira no debate sobre as interfaces entre educação e comunicação e na inclusão da discussão sobre mídia em programas escolares, na formação de professores, e mesmo na educação informal de famílias e trabalhadores desempregados.

As discussões sobre Mídia e Educação fazem emergir um novo termo para pensar os letramentos, o conceito de letramento midiático (*media literacy* na língua inglesa; *alfabetización mediática* em língua espanhola, *literacia midiática* em Portugal).

Letramento midiático (*media literacy*)

O conceito de letramento midiático é bastante difundido pelo mundo. Refere-se à ideia de que as competências para ler e escrever devem ser ampliadas para as diversas mídias (impressas, audiovisuais, digitais e outras). Há também uma convergência de que é mister desenvolver o senso crítico para a fruição dos produtos de mídia e de entretenimento.

Sendo assim, James Paul Gee afirma que:

Letramento midiático como campo preocupa-se com a forma como as pessoas dão significado e obtêm significado da mídia, ou seja, coisas como anúncios, jornais, televisão e cinema. (...) E dar e obter significado da mídia pode, é claro, envolver dar e obter significado de imagens, sons e “textos multimodais” (textos que misturam imagens e/ou sons com palavras) também (GEE, 2010, p. 10-11).³

Segundo a Associação Americana *National Association for Media Literacy Education*:

Letramento midiático é a capacidade de acessar, analisar, avaliar, criar e agir usando

³ No original: “*Media literacy as a field was concerned with how people give meaning to and get meaning from media, that is, things like advertisements, newspapers, television, and film. (...) And giving and getting meaning from media can, of course, involve giving and getting meaning from images, sounds, and “multimodal texts” (texts that mix images and/or sounds with words) as well.*”

todas as formas de comunicação. Em seus termos mais simples, o letramento midiático se baseia nos fundamentos do letramento tradicional e oferece novas formas de leitura e escrita. O letramento midiático capacita as pessoas a serem pensadores e criadores críticos, comunicadores eficazes e cidadãos ativos (MEDIA, 2010, sem paginação).⁴

As instituições de educação tem buscado sistematizar estratégias de educação para o letramento midiático. Existem diversas abordagens sobre como inserir os diversos produtos e linguagens midiáticas nas escolas. Renee Hobbs, David Buckingham e Douglas Kellner são alguns dos principais teóricos internacionais na área. Além de produzir sentido e ser crítico, Renee Hobbs (2010) e David Buckingham (2005) destacam que ser letrado implica leitura e escrita de mídia, ou seja, domínio sobre o consumo e a criação de conteúdos para todos os tipos de mídias.

No Brasil, contamos com duas grandes escolas Educomunicação (SOARES, 2014) e Mídia e Educação (FANTIN, 2011), que trazem competentes abordagens teórico-metodológicas e inspiram muitos projetos na área.

No âmbito da península Ibérica e América do Sul e Caribe, o texto *La Competencia Mediática: Propuesta articulada de dimensiones e indicadores*, dos pesquisadores Joan Ferrés e Alejandro Piscitelli (2012) foi amplamente adotado por pesquisadores de países de língua portuguesa e espanhola. O texto estabelece seis áreas de competências midiáticas que devem ser desenvolvidas para se obter as competências necessárias para atuar como cidadãos plenos no mundo e, sobretudo, na cultura das mídias. As seis competências devem ser desenvolvidas nos âmbitos: linguagens; tecnologia; processos de interação; processos de produção e difusão; ideologias e valores; e estética. Quero sublinhar na proposta de Ferrés e Piscitelli o destaque dado pelos os autores à necessária discussão sobre a revolução neurológica que atravessa o campo dos letramentos e tem obtido pouca atenção tanto dos pesquisadores da comunicação quanto da educação. Nas palavras dos educadores:

Entre os educadores, tende a haver muito mais predisposição a incorporar nos processos de ensino-aprendizagem as modificações produzidas pela revolução tecnológica do que assumir as contribuições da revolução neurobiológica.

A neurociência virou de cabeça para baixo muitas das convicções sobre o funcionamento da mente mantidas por séculos na cultura ocidental. Com base na neurociência somos instados a mudar para sempre a maneira de pensarmos sobre nós mesmos. Na práxis educacional, parecemos muito mais dispostos a mudar nossa maneira de pensar sobre os meios do que mudar nossa visão de nós mesmos como interlocutores desses meios.

As mudanças às quais a neurociência se refere têm a ver especialmente com a influência que os processos emocionais e os processos não-conscientes exercem sobre a mente consciente. Na práxis do letramento midiático apenas se dá atenção a esses processos. Resulta insuficiente, portanto, uma educação para a mídia que se concentra exclusivamente em processos conscientes, porque hoje sabemos que *a consciência só pode ser entendida se se estudarem os processos inconscientes que a tornam possível*, nas palavras do neurobiólogo LeDoux (1999, 32). (FERRÉS e PISCITELLI, 2012, p. 75, grifos nossos).⁵

4 No original: "Media literacy is the ability to access, analyze, evaluate, create, and act using all forms of communication. In its simplest terms, media literacy builds upon the foundation of traditional literacy and offers new forms of reading and writing. Media literacy empowers people to be critical thinkers and makers, effective communicators and active citizens".

5 No original: "Entre los educadores tiende a haber mucha más predisposición a incorporar en los procesos de enseñanza-aprendizaje las modificaciones producidas por la revolución tecnológica que a asumir las aportaciones hechas por la revolución neurobiológica. La neurociencia ha puesto patas arriba muchas de las convicciones mantenidas durante siglos en la cultura occidental sobre el funcionamiento de la mente. Desde la neurociencia se nos insta a que cambie para siempre la manera en que pensamos de nosotros mismos. En la praxis educativa, parecemos muy

Retornaremos a esta citação de Ferrés e Piscitelli adiante.

Letramentos digitais

Em meados da década de 1990, a discussão sobre ampliação do conceito de letramento inaugurada na década de 1970, ganhou novos matizes com o advento das mídias e redes digitais. Como essas ampliam as possibilidades de acesso, produção e distribuição de conteúdo e inauguram diversas plataformas de comunicação, revolucionando o panorama dos sistemas midiáticos, tornam-se necessárias novas discussões sobre os novos letramentos. Descreveremos brevemente três abordagens que emergem com as tecnologias digitais: *The New Literacies Studies*, *Multiliteracies* e *New Media Literacies Studies*.

The New Literacies Studies - TNLS

Segundo Paul Gee (2005), *The New Literacies Studies* apenas atualizam a ampliação do conceito de letramentos da cultura impressa para a cultura digital. Os pesquisadores dessa escola entendem mídias e equipamentos digitais como tecnologias para dar e apreender o sentido das coisas, permanecem no campo da linguagem e representação de signos, como processos conscientes. Gee chama atenção para a nova grafia que acrescenta o *The* e o *literacies*, no plural, para diferenciar da NLS. Como explica o autor:

Os NLS tratavam de estudar letramento de uma nova maneira. “The New Literacies Studies” trata de estudar novos tipos de letramentos além do letramento impresso, especialmente “letramentos digitais” e práticas de letramento incorporadas na cultura midiática (GEE, 2010, p. 9).⁶

Multiletramentos

Multiletramentos (*multiliteracies* em língua inglesa) é um termo que foi cunhado em meados da década de 1990 por um grupo de pesquisadores que ficou conhecido por *New London Group*. O grupo de pesquisadores se reuniu por 1 semana na cidade *New London* (Connecticut, USA) e redigiu o manifesto *A Pedagogy of Multiliteracies - Designing Social Futures* (1996). O Grupo é formado, em sua maioria, por professores e pesquisadores oriundos de países marcados por conflitos culturais e pela indiferença das autoridades quanto a essas questões na sala de aula, o que, segundo eles, ocasiona mais violência e falta de perspectiva para os jovens.

Com o termo multiletramentos, os autores querem destacar duas mudanças significantes no panorama mundial de globalização que remetem à multiplicidade do termo letramento. O primeiro *multi* remete ao *multiculturalismo* para a crescente diversidade cultural e linguística advinda da crescente migração transnacional, possibilitada pelo processo de globalização. O segundo *multi* remete às formas *multimodais* de expressão e representação linguística, que proliferaram das diversas plataformas de comunicação que emergiram, sobretudo, a partir das mídias e redes digitais.

No Brasil, o termo multiletramentos e sua aplicação nas escolas foi difundido por autores como

dispuestos a cambiar nuestra manera de pensar sobre los medios y muy poco a cambiar nuestra visión de nosotros mismos como interlocutores de estos medios.

Los cambios a los que se refiere la neurociencia tienen que ver sobre todo con la influencia que ejercen los procesos emotivos y los procesos inconscientes sobre la mente consciente. En la praxis de la educación mediática apenas si se presta atención a estos procesos. Resulta insuficiente, por tanto, una educación mediática que se concentre exclusivamente en los procesos conscientes, porque hoy sabemos que «la conciencia solo podrá ser comprendida si se estudian los procesos inconscientes que la hacen posible», en palabras del neurobiólogo LeDoux”.

6 No original: “The NLS was about studying literacy in a new way. “The New Literacies Studies” is about studying new types of literacy beyond print literacy, especially “digital literacies” and literacy practices embedded in popular culture”.

Monica Fantin (2008) e Roxane Rojo e Eduardo Moura (2012). Os educadores destacam que o trabalho é feito a partir da cultura e história de vida dos alunos e a partir dos produtos midiáticos e de expressões de linguagem conhecidas por eles, enfatizando a importância de processos informais de letramento na constituição da subjetividade desses jovens.

New Media Literacies Studies (digital e cultura da participação)

Os autores que propõem a terminologia *New Media Literacies Studies* (NMLS) eram associados ao campo do letramento midiático/media literacy nos EUA. Eles se apoiam nos achados da perspectiva de TNLS (digital literacies) somados ao advento da cultura participativa. Os *New Media Literacies* não são exatamente uma escola, mas alguns pesquisadores conhecidos no campo da cultura da mídia, como Henry Jenkins e Douglas Kellner adotaram essa nomenclatura.

James Gee explica que NMLS destacam quatro fatores que precisam ser aprofundados quando se trata do modo como as tecnologias digitais promovem grandes transformações na sociedade e na cultura da mídia:

Primeiro, as ferramentas digitais estão mudando o equilíbrio de produção e consumo na mídia. (...) Segundo, as ferramentas digitais estão mudando o equilíbrio entre participação e espectador. (...) Terceiro, as ferramentas digitais estão mudando a natureza dos grupos, formações sociais e poder. (...) Quarto, todas as tendências acima estão conduzindo ao fenômeno conhecido como "Pro-Ams". (...) Nós vivemos na era dos "Pro-Mas": amadores que se tornaram especialistas em todo assunto pelo qual se apaixonaram (GEE, 2010 p. 12-13).⁷

O autor destaca que a diferença dos *New Media Literacies Studies* para o letramento midiático é que a ênfase não está apenas em como as pessoas respondem às mensagens da mídia, mas também em como elas se envolvem pro-ativamente em um mundo da mídia onde a produção, a participação, a formação de grupos sociais e os altos níveis de experiência não profissional são predominantes (GEE, 2010, p. 13). Os *New Media Literacies Studies* se associam a estudos e pesquisas da cultura da participação e cultura digital.

Concluimos esta primeira parte do texto destacando os grandes avanços teóricos e metodológicos alcançados pelas abordagens supracitadas: a discussão sobre a não-neutralidade dos processos de alfabetização; a ampliação do conceito de letramento para incluir práticas e saberes sociais; a ampliação do conceito de letramento para incluir as práticas orais; a extensão das habilidades de letramento para abarcar as diversas expressões e ambientes midiáticos; as metodologias de inclusão de projetos de letramento midiático nas escolas, dentre inúmeras outras.

Não obstante todos esses avanços, observamos que nas diversas obras analisadas verificamos o privilégio às abordagens no campo da interpretação de conteúdos, e representação sociolinguística do mundo, baseada apenas nos aspectos conscientes e sociais desses processos.

Certamente, não se trata de minimizar a importância das discussões sobre formação de discernimento crítico e aprendizado sobre as técnicas de argumentação e retórica como mote de compreensão das negociações políticas, culturais e históricas do mundo. Queremos apenas apontar para os possíveis ganhos teóricos e metodológicos de se incluir outros fatores que favoreçam a compreensão

⁷ No original: "First, digital tools are changing the balance of production and consumption in media. (...) Second, digital tools are changing the balance of participation and spectatorship. (...) Third, digital tools are changing the nature of groups, social formations, and power. (...) Fourth, all the above trends are leading to the phenomenon known as "Pro-Ams". (...) We live in the age of "Pro-Ams": amateurs who have become experts at whatever they have developed a passion for".

da complexidade dos processos de letramento na contemporaneidade.

Como ponderam Murrock et al. (2018), vivemos um momento em que a proliferação das táticas de desinformação promete ameaçar as mídias de notícias e desestabilizar democracias. Como apresentei na Introdução deste texto, os mesmos estudos que obsevam a primazia de fatores não-conscientes (corpo, afeto, tecnologias) na assimilação de conteúdos falsos, propõem medidas de contra-desinformação que não consideram fatores não-conscientes e focam suas estratégias em fatores conscientes (conteúdo verdadeiro, retórica midiática, *storytelling*).

Retomamos a ponderação sagaz de Ferrés e Piscitelli para questionar se não “resulta insuficiente, portanto, uma educação para a mídia que se concentra exclusivamente em processos conscientes, porque hoje sabemos que a consciência só pode ser entendida se se estudarem os processos não-conscientes que a tornam possível” (2012, p. 75).

Sintonizando com Corpo, Tecnologias e Afetos

Uma boa via para iniciar a discussão de o porquê as abordagens sobre letramentos e mídias precisam expandir seus horizontes e abarcar fatores não-conscientes é um olhar mais atento ao termo multimodal. O termo torna-se mais presente a partir das tecnologias digitais como vimos acima. Os autores que o citam, James P. Gee e *New London College*, explicam o multimodal como “textos que combinam imagens, e/ou sons com palavras”, sendo esta uma característica das mídias em geral, intensificada pelas tecnologias digitais que potencializam remixagens. É preciso observar que o multimodal não está restrito apenas a textos e linguagens (sons, imagens, audiovisuais) ou formas conscientes de comunicação. Como já demonstrado por pesquisadores do campo da cibercultura, é preciso frizar que no panorama das tecnologias e mídias digitais, *multimodal* é, sobretudo, *multissensorial* (PEREIRA, 2012; REGIS, 2015). Aparatos digitais como celulares, videogames, ipads, consoles de realidade virtual incorporam não apenas o uso de imagens, sons, músicas, mas também habilidades táteis e proprioceptivas. As mídias e tecnologiis digitais, portanto, exploram diferentes sentidos sensoriais, tais como auditivo, visual e tátil e outros elementos perceptivos e atencionais de nosso rico *sensorium* corporal que não podem ser explicados somente por fatores conscientes. Com isso, as mídias digitais não apenas multiplicam os signos da mediação, como também acoplam aos processos de letramentos todo o corpo, com seus afetos, intensidades e *moods*. Como esclarece Brian Massumi, esses elementos não apenas são irredutíveis a interpretações linguísticas e/ou semióticas, como podem se opor a elas (MASSUMI, 1995).

Como já discutimos em outro lugar:

(...) essas práticas [da cibercultura] – exploração de ambientes, aprendizagem de linguagens e interações sociais – demandam a ação do corpo e de formas cognitivas, irredutíveis às habilidades intelectuais e representacionais pelas quais costuma-se julgar os produtos dos meios de comunicação. Além das habilidades relacionadas à inteligência, tais como lógica, capacidade associativa, resolução de problemas, análise e tomada de decisão, o sistema de mídia contemporâneo exige um repertório de habilidades que tradicionalmente não são consideradas cognitivas, tais como as habilidades sensório-motoras, perceptivas e sociais (REGIS, 2011, p. 117).

Para contribuir com essa discussão, pretendo destacar que o que chamamos de processo cognitivo, os processos relacionados às habilidades superiores humanas como pensar, raciocinar, tomar decisões conscientes, estão inextricavelmente imbricados a fatores biológicos, materiais, afetivos e sociais, não podendo ser pensados separadamente. Dito de outro modo: o processo cognitivo opera a partir de acoplamentos inextricáveis entre corpo, meio material (tecnologias), social, e afeto. Ou seja, o processo cognitivo engloba o ambiente (incluídas aí as mídias), imbricando elementos conscientes e não-conscientes.

Não obstante seus vários avanços teóricos, as NLS, TNLS, Multiletramentos, NMLS não

problematizam os conceitos de mente, inteligência e processo cognitivo. Ignoram os avanços científicos das ciências cognitivas, neurociências e psicologia cognitiva sobre os conceitos e modos de operação mentais, que obviamente são basilares para qualquer estudo sobre letramento, ensino e aprendizagem.

Mente corporificada, tecnologias cognitivas e afeto

Nas décadas de 1970 e 1980, pesquisadores oriundos de vários campos das ciências cognitivas e, em particular da Psicologia Cognitiva, Biologia Evolutiva, Neurociências e Inteligência Artificial observaram que os computadores executavam com extrema facilidade tarefas que requerem inteligência tradicional (raciocínio lógico-matemático). No entanto, as atividades que o homem faz sem pensar – como andar, manusear objetos e reconhecer uma pessoa – eram extremamente difíceis de reproduzir por meios robóticos (automatizar). Esses achados abriram campo para o estudo das funções sensório-motoras e perceptivas no funcionamento da mente. Esses estudos demonstraram que o sistema sensório-motor ocupa a maior parte de nossos cérebros e é resultado de dois bilhões de anos de evolução (MORAVEC, 1988). Hans Paul Moravec explica que o processo que denominamos mente consciente (e inteligente) só é possível porque tem como suporte o saber mais antigo e mais potente dos mecanismos sensório-motores: “organismos que não possuem a habilidade de perceber e explorar seus ambientes – como as plantas – não parecem adquirir capacidade de desenvolver inteligência”, argumenta Moravec (1988, p. 16).

Essas pesquisas – que já contabilizam quase cinco décadas – demonstram que nossa mente é corporificada e se apoia em processos não conscientes, oriundos da rocha sólida que é nosso aparato sensório-motor. Assim, os processos que denominamos de razão e/ou mente englobam fatores conscientes e não-conscientes, como explicam George Lakoff e Mark Johnson:

A razão não é descorporificada (...) ela resulta da natureza de nossos cérebros, corpos e experiência corporal (...) a própria estrutura da razão advém dos detalhes de nossa corporificação. Os mesmos mecanismos neurais e cognitivos que nos permitem perceber o ambiente e nos mover também criaram nosso sistema conceitual e modos de razão (LAKOFF e JOHNSON, 1999, p. 4).⁸

O filósofo e cientista cognitivo Andy Clark toma por base pesquisas experimentais da Psicologia Cognitiva e Neurociências para explicar que para entender o que é singular na razão e no pensamento humano é preciso compreender que a cognição inclui não apenas o corpo, o cérebro, mas também o mundo material e social, destacando nesse meio sociotécnico o que denomina de *tecnologias cognitivas*: “os dispositivos e recursos, como canetas, papéis, PCs e instituições, com base nos quais nosso cérebro aprende, desenvolve-se e opera” (2001, p. 141)

Ao enfatizar a experiência concreta e o acoplamento com a tecnologia na produção cognitiva, os estudos sobre a mente corporificada produzem um acoplamento inextricável entre corpo (biopsíquico) e o meio material e cultural (sociotécnico) para os processos mentais. A mente não se reduz ao cérebro, ela opera como uma espécie de rede que integra corpo/cérebro e outros actantes humanos e não-humanos.

Andy Clark toma por base diversas pesquisas de neurociências e, resume assim os diversos fatores que compõem a complexidade da mente humana:

A ideia central de mente, ou melhor o tipo especial de mente associada com as relações de alto-nível, distintas da espécie humana, emerge a partir da colisão produtiva de múltiplos fatores e forças – alguns corporais, alguns neurais, alguns tecnológicos e

8 No original: “Reason is not disembodied (...) but arises from the nature of our brains, bodies, and bodily experience (...) the very structure of reason itself comes from the details of our embodiment. The same neural and cognitive mechanisms that allow us to perceive and move around also create our conceptual systems and modes of reason”.

alguns sociais e culturais (CLARK, 2001, p. 141).

A ideia de que as operações mentais não estão encapsuladas no cérebro, e que nossa inteligência atua de modo distribuído conjugando objetos técnicos, afetos e sociabilidades não é nova. Donald Norman (1993, p. 146) e Jerome Bruner (1991, p. 3) já utilizaram o termo inteligência distribuída. Edwin Hutchins cunhou o termo cognição distribuída (1995). Andy Clark explica que essa distribuição não é uma divisão linear de tarefas, mas um entrelaçamento inextricável, tornado possível pela incrível plasticidade de nossos cérebros que se modula no contato com a tecnologia e o ambiente. Tomando por base pesquisas experimentais do campo da Psicologia Cognitiva e neurociências, Clark (2003) explica como os dedos polegares de jovens com menos de 25 anos demonstraram ser mais musculosos e hábeis do que outros dedos, simplesmente como resultado do uso extensivo de controladores eletrônicos de jogos portáteis e mensagens de texto em telefones celulares. Clark argumenta que a partir dessas adaptações dos polegares, novas gerações de telefones serão projetadas em torno dessa maior agilidade, levando a mais mudanças na destreza manual e similares.

Clark explica essa integração inextricável entre cérebro/corpo e meio sociotécnico com o conceito de *feedback loops*:

Em todos os casos que examinamos, o que importa são os complexos laços de feedback que conectam comandos de ação, movimentos corporais, efeitos ambientais e dados perceptivos multissensoriais. É o fluxo bidirecional de influência entre cérebro, corpo e mundo que importa, e com base no qual construímos (e constantemente reconstruímos) nosso senso de self, potencial e presença (CLARK, 2003, p. 114).⁹

Como explica Clark, é por meio dos fluxos de influência (comandos de ação, movimentos corporais, dados perceptivos multissensoriais) entre cérebro, corpo e mundo que a mente/corpo se sintoniza/modula com o ambiente (meio material e social).

É com base nessas pesquisas, que autores do campo da comunicação, teoria da cultura, teoria literária e design, tais como Donna Haraway, Katherine Hayles, Bruce Mazlish, Andy Clark, Donald Norman defendem a ideia de que existe uma coevolução entre humanos e seu meio material e social e que as novas concepções de humano devem situar homens e tecnologia como co-extensivos, co-dependentes e definidos mutuamente.

Mediação distribuída: sintonizando corpo, tecnologia e afeto

Os estudos sobre afeto e emoção têm longa tradição nas humanidades. Ao longo dos séculos foram tratados por abordagens filosóficas, tendo Aristóteles, Baruch Spinoza, Gilles Deleuze e Félix Guattari como alguns de seus maiores expoentes. Mais recentemente, a psicologia cognitiva e as neurociências têm desenvolvido pesquisas experimentais lançando novas perspectivas para os estudos. Hoje, mesmo pesquisadores das humanidades, quando se debruçam sobre o tema, amparam-se em achados de pesquisas experimentais.

Desde pelo menos a década de 1990, neurocientistas como António Damásio e Joseph Ledoux têm defendido a inseparabilidade entre cognição e afeto/emoção, enfatizando a primazia e anterioridade do afeto e/ou emoção em relação aos aspectos do pensamento consciente.

Para iniciar a discussão é preciso diferenciar afeto de emoção. Diferente das emoções que seriam individuais, o afeto é relacional, isto é, moldado nas relações com outras pessoas e objetos materiais. Como explica Jonathan Flatley “a emoção sugere algo que acontece por dentro e tende à expressão externa, o

⁹ No original: “*In all the cases we have examined, what matters are the complex feedback loops that connect action-commands, bodily motions, environmental effects, and multisensory perceptual inputs. It is the two-way flow of influence between brain, body, and world that matters, and on the basis of which we construct (and constantly re-reconstruct) our sense of self, potential, and presence*”.

afeto indica algo relacional e transformador. Alguém *tem* emoções; Alguém é *afetado* por pessoas ou coisas” (FLATLEY, 2008, p. 12 , grifos nossos).¹⁰

Por ser relacional o afeto carrega o potencial de produzir humores (*mood*, em língua inglesa e *Stimmung*, em língua alemã)¹¹, isto é, uma espécie de atmosfera afetiva sob a qual as intenções são formadas, projetos desenhados e afetos particulares podem se anexar a objetos particulares. Se uma pessoa está ansiosa, por exemplo, coisas no mundo são mais prováveis de lhe parecerem amedrontadoras, se ela está curiosa, novos objetos podem lhe parecer interessantes.

Para termos a dimensão da importância do afeto para compreensão do panorama de proliferação de medo, ódio e *fake news* por meio das mídias sociais digitais, é útil a ponderação de Flatley de que “o humor fornece uma maneira de articular o efeito modelador e estruturador do contexto histórico em nossos apegos afetivos” (FLATLEY, 2008, p. 19).¹²

Nas últimas duas décadas teóricos da cultura, da literatura e da mídia têm se dedicado a estudar o afeto como componente do processo cognitivo no processo de interação com as mídias. Brian Massumi baseia-se em filósofos (Gilles Deleuze e Félix Guattari, William James, Henri Bergson) e neurocientistas como Hertha Sturm para elaborar sua teoria da autonomia do afeto e defender a primazia do afeto na interação com imagens de vídeo (Massumi, 1995). O interesse de Massumi na pesquisa desenvolvida por Sturm é mostrar que, não apenas o corpo é afetado pelas imagens, mas que também o significado de um conteúdo consciente é afetado por estados corporais e não-conscientes. Ambos os níveis, qualidade da imagem (o conteúdo da imagem; seu contexto intersubjetivo; sentido sociolinguístico dado pela cultura) e intensidade (força ou duração do efeito da imagem no corpo), são imediatamente corporificados. Dito de outro modo, o que a teoria da autonomia do afeto nos ensina é que a interpretação (consciente) que fazemos da imagem não coincide com os modos (não-conscientes) por meio dos quais a mesma imagem afeta nosso corpo.

Buscando compreender as relações entre afeto e mídias na sociedade contemporânea, sobretudo após 11 de setembro de 2001, o teórico das mídias Richard Grusin (2010) parte de pesquisadores como Andy Clark e Daniel Stern para propor sua concepção de uma medialidade distribuída a partir das concepções de mente distribuída e afeto distribuído.

Grusin observa que os *feedback loops* descritos por Clark (2003) operam do mesmo modo daquilo que o neuropsicólogo Daniel Stern chamou de sintonia afetiva, (*affective attunement*). Segundo Grusin, a partir de suas pesquisas inovadoras sobre psicologia infantil na década de 1980, Stern demonstrou que no mundo interpessoal da criança, o senso de *self* surge por meio de sensações ou experiências afetivas cross-modais, tanto com outras pessoas como com outras coisas. Stern sustenta que o senso de distinção da criança entre o eu e o outro, bem como a unidade da percepção e a conexão entre percepções e um mundo de pessoas e coisas, é criado e fundamentado em um nível muito precoce de desenvolvimento psicológico e experiência afetiva do bebê (STERN apud GRUSIN, 2010, p. 95).

Grusin se apoia nessa descrição de sintonia afetiva estudada por Stern para avaliar o impacto que esse modo de operação dos afetos pode ter nos ambientes de mídia. O teórico das mídias pondera:

Para perguntas sobre nossas relações afetivas com a mídia, o que é particularmente intrigante no relato de Stern é que ele considera que o padrão ou o mapeamento afetivo cross-modal é básico para nossas interações com o mundo desde a infância. Sob esse prisma, pode-se começar a entender como mídias audiovisuais, como filmes,

10 No original: “*emotion suggests something that happens inside and tends toward outward expression, affect indicates something relational and transformative. One has emotions; one is affected by people or things*”.

11 Os conceitos *mood* e *Stimmung* têm sido introduzidos nos campos de Teoria Literária e Teoria da Cultura para embasar discussões sobre estética. Ver Felinto (2012).

12 No original: “*Mood provides a way to articulate the shaping and structuring effect of historical context on our affective attachments*”.

televisão, telefones celulares, computadores e videogames, e a web trabalham para imitar, reforçar ou reproduzir a virtualidade de nossa experiência corpórea. Do ponto de vista da sintonização afetiva, o filme sonoro ou a TV se tornam formas cruciais de modulação do afeto, devido à maneira como acolhem padrões ou sensações visuais e auditivas, bem como à maneira como apresentam imagens audiovisuais dos estados afetivos de outras pessoas. De um modo ainda mais complexo, os videogames (e a mídia interativa em geral) parecem funcionar como modos de modulação afetiva e cognitiva transmodal ou multimodal, adicionando toque à visão e ao som; portanto, quando você move seu avatar num jogo, por exemplo, ou usa o mouse para mover o cursor na tela do seu PC ou manipular a tela sensível ao toque no seu iPhone, você está adicionando padrões cross-modais de toque aos acoplamentos de visão e som. Ou seja, o movimento tátil da mão no controlador, juntamente com outros movimentos corporais/musculares envolvidos, produz uma mudança no outro medial, tanto no avatar ou no cursor do usuário quanto nos demais atores humanos e não humanos na tela. Dessa maneira, nossa interatividade com a mídia fornece um tipo de intensificação ou reduplicação das relações interpessoais afetivas. (GRUSIN, 2010, p. 95-96, grifos nossos).¹³

Os estudos de mente corporificada (e cognição distribuída) assim como os de sintonia afetiva demonstram que o corpo/mente atua em sintonização/modelação constante com o ambiente material e social (tecnologias e pessoas), por meio dos fluxos e intensidades trocados. Como os dispositivos tecnológicos, no caso as mídias permeiam essas trocas, o sistema de mídias podem intensificar a proliferação dos afetos e *moods*.

Grusin pondera que a mídia contemporânea opera numa lógica de mediação distribuída, ou seja, ela produz conjuntos (*assemblages*) dinâmicos e heterogêneos, compostos de vários elementos técnicos, sociais, estéticos, econômicos e políticos que se fundem e se reagrupam em formações mutáveis, mas relativamente estáveis, distribuídas por toda a sociedade. Com o conceito de mediação distribuída, Grusin chama a atenção para uma distribuição de afeto entre atores humanos e não humanos: "(...) abordarei os ciclos de feedback afetivo que estruturam nossa 'mídia no cotidiano', os modos pelos quais interagimos com múltiplas mídias em quase todos os aspectos de nossa vida cotidiana" (GRUSIN, 2010, p. 90).

Para Grusin, pensar medialidade em termos de afeto:

(...) é pensar em nossas práticas de mídia não apenas em termos de suas estruturas de significação ou representação simbólica, mas mais crucialmente em termos das maneiras pelas quais a mídia funciona, por um lado, para disciplinar, controlar, conter, gerenciar, ou governam a afetividade humana e suas coisas afiliadas «de cima», ao mesmo tempo em que trabalham para permitir formas particulares de ação humana, expressões coletivas particulares ou formações de afetação humana «de baixo» (GRUSIN, 2010, p. 79).¹⁴

13 No original: "*For questions concerning our affective relations with media, what is particularly intriguing about Stern's account is that he takes cross-modal affective patterning or mapping to be basic to our interactions with the world from infancy. In this light one can begin to understand how such audio-visual media like film, television, mobile phones, computer and video games, and the web work to imitate, reinforce, or reproduce the virtuality of our embodied experience. From the perspective of affective attunement, sound film or TV become crucial forms of affect modulation because of the way in which they couple visual and auditory patterns or sensations, as well as the way in which they present audiovisual images of the affective states of other people. Even more complexly in some sense, video games (and interactive media generally) would seem to work as modes of trans-modal or cross-modal affective and cognitive modulation by adding touch to sight and sound, so when you move your avatar in a game, for example, or use your mouse to move the cursor on the screen of your PC, or manipulate the touch screen on your iPhone, you are adding cross-modal patterns of touch to the coupling of sight and sound. That is, the haptic movement of hand on controller, along with other bodily/muscular movements involved, produces a change in the medial other, in both the user's avatar or cursor and the other human and nonhuman actors on screen. In this way our media interactivity provides a kind of intensification or reduplication of affective interpersonal relations*".

14 No original: "(...) is to think of our media practices not only in terms of their structures of signification or symbolic representation but more crucially in terms of the ways in which media function on the one hand to discipline, control, contain, manage, or govern human affectivity and its affiliated things "from above," at the same time that they work to enable particular forms of human action, particular collective

A concepção de Grusin (2010, p. 96) sobre mediação distribuída a partir de mente e afetos distribuídos intensificando hábitos e comportamentos coletivos, ou seja, que “nossa interatividade com a mídia fornece um tipo de intensificação ou reduplicação das relações interpessoais afetivas”, converge com o estudo de Sara Ahmed (2004, p. 119) sobre a economia dos afetos. Ahmed defende que as emoções/afetos não são disposições psicológicas, nem residem em um sujeito ou objeto, elas circulam entre sujeitos e objetos, mediando relações entre o psíquico e o social, o individual e o coletivo, ampliando as intensidades desses afetos.

O que aprendemos com os conceitos de mente corporificada e teoria do afeto que interessa aos estudos de teoria da comunicação e da mídia, resumidamente é:

Mente/Cognição:

- A mente é corporificada e inextricavelmente associado ao ambiente. Ela engloba o cérebro, o corpo (intensidades, sensorialidades e percepções) e o ambiente material e social (pessoas e objetos).
- O processo cognitivo é situado e depende do contexto, da experiência e está em contínuo processo de sintonização/atualização com o ambiente. Isso significa que o processo cognitivo engloba fatores sensório-motores, não-conscientes e que, portanto, fatores como conteúdo da mensagem; seu contexto intersubjetivo; seu sentido sociolinguístico dado pela cultura não são suficientes para explicar os modos como aprendemos, comunicamos, socializamos.

Afeto:

- O afeto é corpóreo e relacional, opera por meio de sintonias/modulações afetivas com o ambiente material e social.
- O afeto engloba o ambiente; intensidades corporais se acoplam ao meio material e social e co-evoluem com ele (nele).
- O afeto atua na construção de sentido individual e coletivo. Ou seja, não é possível explicar tudo pela linguagem, contexto subjetivo ou intersubjetivo, e/ou sentido sociolinguístico dado pela cultura.

Cognição e Afeto:

- Desconstroem a ideia de humano como sujeito racional, consciente e dono de seu livre arbítrio.
- Sombream as fronteiras sujeito x objeto / natureza x cultura / razão x afeto / corpo x mente.

O que aprendemos com os estudos de mente e afeto distribuídos é que ao investigar os processos de letramentos em ambientes midiáticos precisamos considerar os fluxos multissensoriais, perceptivos, afetivos entre cérebro/corpo e mundo que permitem que nossa mente/corpo se sintonize/module com e no ambiente (meio material e técnico).

Essa perspectiva parece rentável para analisarmos a situação contemporânea e buscarmos

vias metodológicas que possibilitem investigar os fluxos e intensidades que circulam e são amplificados por meio de mediação distribuída, gerando *moods* de medo, ódio, insegurança, crença em fake news e desinformação e que não encontram explicações em análises estritamente sociolinguísticas, interpretacionais, semânticas e/ou conscientes.

Considerações finais

Iniciamos com a questão atual sobre a proliferação de campanhas de desinformação e discursos de ódio e medo e formulamos a pergunta de se essa questão pode ser respondida com base em abordagens que privilegiam o conteúdo da mensagem; seu contexto intersubjetivo; seu sentido sociolinguístico dado pela cultura no processo de letramentos midiáticos. Fizemos um breve mapeamento sobre os diversos termos que abordam os diferentes letramentos na mídia, mostrando como essas abordagens privilegiam os processos de interpretação e representação social, mesmo quando abordam termos como multimodal, que engloba processos sensoriais, não-conscientes.

Apresentamos algumas pesquisas das neurociências e psicologia cognitiva, campos que têm produzido pesquisas experimentais e revolucionado os conceitos e modos de habitar do homem no mundo. A partir desses achados emergem pesquisas que demonstram que os processos de produção de sentido e cognitivos não podem ser reduzidos a processos prioritariamente conscientes e/ou de significação sociolinguística e/ou intersubjetivas. Esses achados alteram não apenas nossas concepções sobre o papel da mídia na sociedade, mas também, e sobretudo nossas formas de interação conscientes e não-conscientes, sensoriais e afetivas com as mídias. Como ponderam Ferrés e Piscitelli (2012) essas mudanças não tem recebido a devida atenção de educadores e, podemos acrescentar, de estudiosos de mídia.

Há mais de meio século atrás, as incursões pioneiras de Paulo Freire e Brian Street partiram de formulações críticas e inovadoras, sustentando posições sobre o processo de alfabetização não ser neutro, nem meramente técnico, e sobre a importância de ampliar a alfabetização para incluir formas de letramento orais e sociais que ofendem a cultura das letras. Essa concepções que hoje podem parecer evidentes e até corriqueiras foram um salto quântico na década de 1970. Talvez hoje precisemos ampliar nossos conceitos e percepções sobre o homem, mente, dispositivos tecnológicos, afetos e dar mais um salto quântico no campo dos letramentos e das humanidades para encarar à altura os desafios à porta.

Referências

AGUADED, Ignacio. [Media education: an international unstoppable phenomenon UN, Europe and Spain support for edu-communication](#). *Comunicar*, v. 19, n. 37, p. 7-8, 2011.

AHMED, Sara. Affective Economies. *Social Text*, v. 22, n. 2, p. 117-139, summer, 2004.

BRUNER, Jerome. The narrative construction of reality. *Critical Inquiry*, v. 18, n. 1, p. 1-21, autumn, 1991.

BUCKINGHAM, David. *Media Education: literacy, learning and contemporary culture*. Cambridge: Polity Press, 2005.

CLARK, Andy. *Mindware: an introduction to the philosophy of cognitive science*. New York/Oxford: Oxford University Press, 2001.

CLARK, Andy. *Natural-Born Cyborgs: Minds, Technologies, and the Future of Human Intelligence* New York/London: Oxford University Press, 2003.

DAMÁSIO, António. *Looking for Spinoza: Joy, Sorrow, and the Feeling Brain*. New York: Harcourt, Brace & Company 2003.

- DAMÁSIO, António. **O erro de Descartes**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- FANTIN, Monica. Os cenários culturais e as multiliteracias na escola. **Comunicação e Sociedade**, v. 13, n. 19, p. 69-85, 2008.
- FANTIN, Monica. Mídia-educação: aspectos históricos e teórico-metodológicos. **Olhar de professor**, v. 14, n. 1, p. 27-40, 2011.
- FELINTO, Erick. Delicado Horror: cinema de gênero e o incontrolável terror do feminino em *Grace, Teeth e Dans ma Peau*. In: REGIS, Fátima; ORTIZ, Anderson, AFFONSO, Luiz; TIMPONI, Raquel (Orgs.). **Tecnologias de Comunicação e Cognição**. Porto Alegre: Sulina, 2012. p. 163-179.
- FLATLEY, Jonathan. **Affective mapping**: melancholia and the politics of modernism. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2008.
- FERRÉS, José; PISCITELLI, Alejandro. La competencia mediática: Propuesta articulada de dimensiones e indicadores. **Revista Luciérnaga**, año 4, ed. 7, p. 72-79, 2012.
- FLEMING, Jennifer. Media literacy, news literacy, or news appreciation? A case study of the news literacy program at Stony Brook University. **Journalism & Mass Communication Educator**, v. 69, n. 2, p. 146-165, 2014.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez, 1989.
- GEE, James Paul. A Situated Sociocultural Approach to Literacy and Technology. In: BAKER, Elizabeth. A; LEU, Donald. J (Eds). **The new literacies**: multiple perspectives on research and practice. New York: Guilford Press, 2010. p. 165-193.
- GRUSIN, Richard. **Premediation**: Affect and Mediality After 9/11. New York: Palgrave MacMillan, 2010.
- HARAWAY, Donna. Um manifesto para os cyborgs: ciência, tecnologia e feminismo socialista na década de 80. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (Org.). **Tendências e Impasses**: o feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1994.
- HAYLES, Katherine. **How we became posthuman**. Chicago/London: University of Chicago Press, 1999.
- HOBBS, Renee. **Digital and media literacy**: connecting culture and classroom. Thousand Oaks, CA: Corwin Press, 2011.
- HUTCHINS, Edwin. **Cognition in the wild**. Cambridge: MIT/Bradford Books, 1996.
- KLEIMAN, Angela. **Preciso “ensinar” letramento?**. Campinas: Editora da Unicamp, 2005.
- LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Philosophy in the flesh**. New York: Basic Books, 1999.
- LEDOUX, Joseph. **The Emotional Brain**: The Mysterious Underpinnings of Emotional Life. New York: Simon & Schuster, 1996.
- MASSUMI, Brian. Fear. **Project Muse**, v. 13, n. 1, p. 31-48, 2005.
- MASSUMI, Brian. The Autonomy of Affect. **Cultural Critique**, n. 31, The Politics of Systems and Environments Part II, p. 83-109, autumn, 1995.
- MEDIA literacy defined. **National Association for Media Literacy Education**, New York, 06 abr. 2010. Disponível em: <https://namle.net/publications/media-literacy-definitions/>. Acesso em: 22 jan. 2020.
- MORAVEC, Hans Paul. **Mind Children**. Cambridge: Harvard University Press, 1988.
- MURROCK, Erin; AMULYA, Joy; DRUCKMAN, Mehri; LIUBYVA, Tetiana. Winning the War on State-Sponsored

Propaganda: Results from an Impact Study of a Ukrainian News Media and Information Literacy Program. **Journal of Media Literacy Education**, v. 10, n. 2, p. 53-85, 2018.

NORMAN, Donald. **Things that make us smart**. Cambridge: Perseus Books, 1993.

OLSON, David. **O Mundo no Papel**. São Paulo: Ática, 1997.

PEREIRA, Vinicius. Linguagens midiáticas, entretenimento e multissensorialidade na cultura digital. In: REGIS, Fátima; ORTIZ, Anderson, AFFONSO, Luiz; TIMPONI, Raquel (Orgs.). **Tecnologias de Comunicação e Cognição**. Porto Alegre: Sulina, 2012. p. 180-202.

PICCOLI, Luciana. Alfabetizações, alfabetismos e letramentos: trajetórias e conceituações. **Revista Educação Real**, v. 35, n. 3, p. 257-275, set./dez. 2010. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/8961>. Acesso em: 20 de jan. 2020.

REGIS, Fátima. Práticas de Comunicação e desenvolvimento cognitivo na cibercultura. Porto Alegre: UFRGS, **InTexto**, v.02, n.25, p. 115-129, dez. 2011.

REGIS, Fátima. Textos, texturas e intertextos: apontamentos sobre aprendizado e competência na comunicação digital. Porto Alegre: **InTexto (Online)**, v. 6 n. 33, p. 209, 2015.

ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo. **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola, 2012.

SANGALANG, Angeline; OPHIR, Yotam; CAPPELLA, Joseph N. The Potential for Narrative Correctives to Combat Misinformation. **Journal of Communication**, v. 69, n. 3, p. 298-319, jun. 2019. Disponível em: <https://academic.oup.com/joc/article-abstract/69/3/298/5481803>. Acesso em: 20 jan. 2020.

SOARES, Ismar de Oliveira. Educomunicação e Educação Midiática: vertentes históricas de aproximação entre comunicação e educação. **Comunicação e Educação**, v. 19, n. 2, p. 15-26, 2014.

STREET, Brian. **Social Literacies: critical approaches to literacy in development, ethnography and education**. London: Longman, 1995.

WALTER, Nathan; MURPHY, Sheila T. How to unring the bell: A meta-analytic approach to correction of misinformation, **Communication Monographs**, v. 85, n. 3, p. 423-441, may 2018. Disponível em: 10.1080/03637751.2018.1467564. Acesso em: 20 jan. 2020.

Fátima Regis é pós-doutora pelo Centro de Estudos do Século 21 (C21) da University of Wisconsin, Milwaukee, EUA, e doutora em Comunicação e Cultura pela Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professora da graduação e da pós-graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ. Pesquisadora da área de Comunicação e Cultura Digital. Pesquisadora do CNPq e Procientista da UERJ/Faperj. É coordenadora do grupo de pesquisa Comunicação, Lúdico e Cognição (CiberCog) e da Unidade de Desenvolvimento Tecnológico Laboratório de Mídias Digitais, ambos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.